

TRANSIÇÃO PARA A PARENTALIDADE: UM ESTUDO SOBRE EXPERIÊNCIAS PSICOEMOCIONAIS VIVIDAS POR PAIS

Vanessa Maria Rocheta Pires (Universidade do Algarve), vanebessa@hotmail.com
Sofia Marina Nunes Afonseca (Universidade do Algarve), sofia_afonseca@hotmail.com
Inês Filipa Matos Fernandes (Universidade do Algarve), ines_fernandes_@hotmail.com
Andreia Filipa Dias Alves (Universidade do Algarve), andreia.dalves@hotmail.com
Ana Susana Rocio de Almeida (Universidade do Algarve), rociodealmeida@gmail.com

Resumo: O processo de transição para a parentalidade implica um conjunto de reorganizações a nível individual e conjugal, que poderão ser geradoras de stress ou perturbação emocional. Preparar os pais para esta transição e adaptação bem sucedida poderá refletir-se no seu bem-estar. Desta forma, o objetivo do presente estudo visa descrever as experiências psicoemocionais vividas pelos pais no processo de transição para a parentalidade. Participaram 144 sujeitos, dos quais 84 pertencentes ao sexo feminino e 60 ao sexo masculino, com idades compreendidas entre os 21 e os 53 anos. O instrumento utilizado foi elaborado pelas investigadoras e tem como objetivo avaliar a relação conjugal e as experiências psicoemocionais vividas pelos progenitores no processo de transição para a parentalidade. Os resultados permitiram constatar que os pais avaliam a relação com o companheiro de forma bastante positiva e que percecionam o nascimento do filho como um acontecimento que destabilizou a relação; as mães apresentam maior confiança para cuidar do bebé; é o sexo masculino que apresenta sentimentos mais elevados de exclusão e angústia; é a dimensão do ciclo de sono que apresenta maiores alterações comparativamente à vida profissional e social de ambos. São as mães que apresentam resultados mais elevados em aspetos como os conhecimentos sobre a gravidez, parto e pós parto bem como sentem mais alterações a nível da sexualidade. As implicações práticas são discutidas com o intuito de promover adequadamente competências de adaptação na transição para a parentalidade.
Palavras-chave: parentalidade; transição; emoções, pais, alterações.

Introdução

O processo de transição para a parentalidade é um processo conjunto que se inicia quando dois indivíduos sabem que vão ser pais e termina quando é atingido um equilíbrio pessoal e familiar, o que acontece cerca de dois anos após o nascimento da criança (Biehle & Mickelson, 2011; Hidalgo, 1998).

A transição para a parentalidade é um tema que tem vindo a ser cada vez mais foco de estudos desde a segunda metade do século XX. Desde essa época várias abordagens teóricas têm investido no modo como se processa esta passagem, considerando que esta espécie de metamorfose é uma das mais difíceis crises pela qual o casal passa, quer a nível individual, quer a nível conjugal (e.g., hábitos sexuais; novas preocupações e responsabilidades, a perda

de flexibilidade na liberdade pessoal e de tempo para partilhar com o conjuge e amigos, dificuldade na organização dos padrões de sono, os obstáculos profissionais e económicos e uma reestruturação do auto-conceito) (Cowan & Cowan, 1997; Fewater, 2008; Krob, Piccinini, & Silva, 2009).

Regra geral, estas mudanças são sentidas como negativas, principalmente aquelas que se revelam mais duradouras (Feldman & Nash, 1984). Contudo, o nascimento de um filho é um passo muito positivo para o desenvolvimento e realização tanto no aspeto individual, como da relação conjugal e tem um grande impacto e consequências na vida dos novos pais (Dunkel-Schetter, Feinstein, & Call, 1986; Hidalgo, 1998).

Embora as mudanças mais significativas sejam registadas no casal, o meio envolvente (i.e., meio familiar e social nos quais a família desenvolve relações) também é afetado pela chegada da criança. É importante que o casal tenha a possibilidade de ter o apoio da família e dos amigos para enfrentar as dificuldades e a adaptação deste novo membro (Hidalgo, 1998).

Apesar da tentativa de equilibrar a distribuição de papéis no seio do sistema familiar, este ainda se manifesta um pouco tradicional na nossa sociedade. A passagem à parentalidade vem salientar ainda o carácter estereotipado já existente dos géneros pois após o nascimento do bebé é sobre a mulher que recai a maior parte das tarefas relacionadas com a criança e consideradas tradicionalmente femininas (Emery & Tuer, 1993).

Não se pode afirmar que o nascimento de um filho destrua a relação, mas a estabilidade conjugal é muito importante neste processo e pode influenciar, sem dúvida, a qualidade da transição. Desta forma, casais funcionais vão ter mais probabilidades de continuar a manter boas relações conjugais após o nascimento do bebé, mesmo que possa surgir alguma instabilidade durante o período de adaptação, enquanto casais disfuncionais, que já tenham problemas prévios ao nascimento do bebé, vão ter a tendência para agravar esses mesmos problemas (Alarcão, 2000; Hidalgo, 1998).

Dentro do sistema familiar existem múltiplas influências, tanto entre os conjugues, como entre o casal e o bebé. Assim sendo, as características do bebé explicam, em parte, a forma como o casal processa a transição para a maternidade e paternidade. Os conhecimentos que se têm acerca do que é ser pai, as atitudes que se tomam e os valores e expectativas que os pais adotam também parecem ser determinantes no acesso a uma boa transição para a parentalidade (Lerner, 1993).

Desta forma, o objetivo geral do presente estudo visa descrever as experiências psicoemocionais vividas pelos pais e mães no processo de transição para a parentalidade. Os objectivos específicos consistem em: (1) relacionar a forma como os indivíduos avaliam a relação do casal e a percepção parental relativa à destabilização relacional do casal provocada pelo nascimento do filho; (2) relacionar o género com o nível de confiança para cuidar do bebé; (3) compreender a percepção de ambos os progenitores relativamente ao sentimento de exclusão que teve em relação ao filho, durante o primeiro mês; (4) compreender a percepção de ambos os progenitores relativamente ao sentimento de angústia que teve em relação ao filho, durante o primeiro mês; (5) comparar as dimensões do ciclo de sono com a vida profissional e social de ambos os progenitores; (6) compreender as diferenças entre os progenitores no que diz respeito aos conhecimentos sobre a gravidez, parto e pós parto e, por fim, (7) perceber as percepções, de ambos os progenitores, relativamente às alterações na sua sexualidade após o nascimento do filho da sexualidade.

Método

Participantes:

Neste estudo participaram 144 sujeitos, de diversas zonas geográficas do país, dos quais 84 pertencentes ao género feminino e 60 ao género masculino, com idades compreendidas entre os 21 e os 53 anos.

Instrumento:

Foram construídas pelas investigadoras 27 questões relativas à transição para a parentalidade e à relação do casal, cotadas numa escala tipo *Likert* de 1 a 5, em que em 1 corresponde a “Nunca” e 5 corresponde a “Sempre”.

Procedimento:

Foram aplicados questionários aos pais/mães com filhos cujas idades se encontravam compreendidas entre um mês e os 5 anos de idade. No que concerne à análise dos dados foi utilizado o *PAWS* e o *Microsoft Office Excel*®.

Apresentação e Discussão de Resultados:

De seguida serão apresentados os resultados obtidos bem como a respetiva discussão.

O primeiro objetivo específico traçado refere-se à relação entre a avaliação da relação com o companheiro e a medida em que o nascimento do filho veio destabilizar a mesma. Pode-se aferir que é o género masculino que apresenta valores médios mais elevados ($M=4.33$; $DP=.77$), comparativamente ao género feminino ($M=4.11$, $DP=.79$), no que se refere à avaliação da relação com o companheiro, embora a tendência seja a de, ambos os membros do casal, avaliarem a relação de forma bastante positiva. No que diz respeito à perceção parental da destabilização da relação causada devido ao nascimento do filho, destaca-se a elevada semelhança dos resultados de ambos os progenitores e o valor médio reduzido do impacto avaliado por parte dos participantes.

Esta perspetiva relacional parental bastante otimista parece, de alguma forma, concordante com os resultados de investigação prévia que salientam a existência de grande estabilidade intraindividual na transição para a parentalidade (Palkovitz & Copes, 1988). Alguns estudos também revelam a existência de um menor conflito até o primeiro ano de idade do bebé e uma maior aproximação por parte do casal (Claxton & Jenkins, 2008). O

investimento na relação conjugal deve ser contínuo e uma das estratégias possíveis na promoção da sua salubridade poderá ser o passarem mais tempo juntos (Claxton & Jenkins, 2008).

A relação positiva entre o casal relaciona-se com a qualidade da sua relação, o seu entusiasmo em relação ao cônjuge e também o seu envolvimento conjunto no desempenho das funções parentais. Acredita-se que as capacidades individuais para lidar com situações de stress e o apoio dos pares são importantes fatores na transição para a parentalidade e para o bom relacionamento do casal. No entanto, a natureza da relação conjugal tem uma maior influência nas respostas que o casal dará nas diversas situações que surjam no âmbito da transição para a parentalidade (Menezes & Lopes, 2007).

Contudo, outras investigações revelam que após o nascimento da criança, as mulheres experienciam uma grande turbulência nas suas relações conjugais, bem como profundas transformações e mudanças nas suas vidas parcialmente explicados por algum desajustamento psicossocial e depressão. De forma geral, aferem que os novos papéis precisam de ser aprendidos, os novos relacionamentos reformulados e os anteriores ajustados (Hernandez & Hutz, 2009). Após o nascimento da criança, os pais assumem um aumento de conflitos e de avaliações de total desacordo entre o casal (Cowan, et al. 1985).

A dificuldade em lidar com as emoções e cuidados necessários neste período, leva, muitas vezes, à inadequação no desempenho dos papéis de cada um. No entanto, à medida que os anos vão passando e com a experiência, a inadaquação tende a diminuir e emergem sentimentos de companheirismo, partilha de emoções e sentimentos e a entrega aos diversos papéis (Zagoneli, Martins, Pereira, & Athayde, 2003).

Seria interessante explorar aprofundadamente no futuro quais os aspetos intra e extra individuais e familiares explicativos destas discrepâncias tão obvias no que se refere às

percepções individuais dos progenitores acerca das suas relações conjugais após o nascimento do filho.

O segundo objetivo específico traçado refere-se à percepção parental do nível de confiança para cuidar do bebé. Os resultados revelam que ambos os progenitores parecem avaliar de forma positiva o seu nível de confiança para cuidar do bebé, embora a diferença entre os resultados médios de ambos os progenitores não pareça ser muito evidente, o género feminino apresenta valores mais elevados ($M=4.07$, $DP=.87$), comparativamente com o masculino ($M= 3.67$, $DP=.99$).

De facto, atualmente a importância crescente dada à infância proporciona acesso fácil a fontes diversificadas de informação de como “cuidar do bebé” (e.g., revistas, livros, informações na internet, cursos de preparação para o parto e para a transição para a parentalidade), o que poderá contribuir para uma maior segurança dos novos pais na prestação de cuidados (Serôdio, 2009).

Em estudos anteriores, os pais referem que o nascimento do bebé traria mais responsabilidades no que concerne ao suporte material e emocional e que será necessário transmitir uma boa educação e estabelecer exemplos adequados. Embora os resultados do estudo evidenciem uma maior confiança por parte da mãe, tal como no presente estudo, os homens expressam a necessidade de se sentirem igualmente confiantes e de possuírem um nível elevado de comprometimento na educação dos filhos (Krob, Piccinini, & Silva, 2009). No entanto, nos últimos anos, o papel do pai tem vindo a alterar-se pois o homem está, cada vez mais, a ter um papel ativo na participação dos cuidados do bebé (Doucet, 2006; Egeren, 2004).

O terceiro objetivo específico traçado refere-se à existência de sentimentos de exclusão por parte dos progenitores durante o primeiro mês de vida do bebé. Os resultados médios relativos ao sentimento de exclusão no decurso do primeiro mês de vida do bebé são

extremamente reduzidos para ambos os progenitores, no entanto, o progenitor masculino apresenta valores médios ligeiramente mais elevados de sentimento de exclusão ($M=1.62$, $DP=.98$), comparativamente com o progenitor feminino ($M=1.51$, $DP=1.03$).

Os resultados médios extremamente reduzidos dos sentimentos de exclusão dos nossos participantes poderão refletir as mudanças nos papéis sociais de género nos cuidados parentais. De facto, atualmente formas diferentes de agir e pensar, a divisão de responsabilidades entre pai e mãe e a veemente participação paterna na rotina dos bebés e crianças têm sido cada vez maiores (Cabrera, Tamis, Bradley, Hofferth, & Lamb, 2000).

Não obstante os resultados no presente estudo, Parke (1996) defende que o sentimento de “exclusão” é frequente na transição para a parentalidade devido às inúmeras mudanças externas e internas na vida dos progenitores. A mãe começa a dar a máxima atenção ao bebé, tornando-se também o centro das atenções para outras pessoas que a rodeiam. Deste modo, o bebé pode ser interpretado pelo pai como um entrave ao relacionamento do casal, sentindo-se então excluído (Anderson, 1996). As mães ocupadas com a prestação de cuidados aos filhos, nem sempre conseguem proporcionar o apoio necessário ao pai, o que pode provocar nele o sentimento de exclusão e de falta de suporte emocional (Zagoneli et al., 2003). Por isso, os maridos que ocupam mais tempo com os amigos, fazem-no, muitas vezes, porque se sentem mais afastados do seu conjuge e, por isso, excluídos (Claxton & Jenkins, 2008).

No momento em que os pais se preparam para a ideia de “abrir” espaço para o bebé, expressam sentimentos de exclusão e necessidade de lidar com esses sentimentos. Um pai refere que para a esposa, “*o bebé é a coisa mais importante, para ela agora e para mim também; agora já fiquei em segundo plano, porque a atenção toda é para ele, mas agora eu tenho que saber lidar com esse momento, eu tenho que ter muita paciência, mais do que eu já tenho*” (pp. 277). Isto demonstra claramente o sentimento de “exclusão” que os pais podem manifestar após o nascimento dos filhos. Um pai mencionou, inclusive, a preocupação pela

possibilidade da esposa se dedicar exclusivamente ao bebé e deixá-lo de lado (Krob, Piccinini, & Silva, 2009).

No entanto, a exclusão pode também ser sentida por parte da mulher. Num estudo efetuado, nos casais com um maior distanciamento afetivo ou uma relação mais inadequada, as mulheres tendiam a queixar-se das ausências dos seus companheiros, quer a nível afetivo, quer no apoio às tarefas domésticas, assumindo estas uma maior sobrecarga da maternidade devido a todas às funções subjacentes à prestação de cuidados dos filhos (Menezes & Lopes, 2007).

O quarto objetivo específico traçado refere-se às auto perceções de ambos os progenitores de sentimentos de angústia durante o primeiro mês de vida do bebé. Os resultados médios globais são reduzidos para ambos os progenitores, embora o género feminino apresente valores ligeiramente mais elevados ($M=2.32$, $DP=1.19$), comparativamente aos progenitores masculinos ($M= 2.25$, $DP= 1.22$).

Os resultados do presente estudo corroboram resultados de investigação prévia que salienta que tanto a mãe como o pai apresentam sintomas de ansiedade/angústia na fase da adaptação à parentalidade, que tende a decrescer no pós-parto (Buist, Morse, & Durkin, 2003). De facto, são diversos os estudos no âmbito da transição para a parentalidade que referem que os pais, nesta fase, se manifestam mais ansiosos e preocupados. No entanto, simultaneamente demonstram sentimentos como alegria (Gerzi & Berman, 1981; Lebovici, 1992; Parke, 1996; Piccinini, Silva, Gonçalves, & Lopes, 2004).

Segundo alguns estudos, embora esta seja uma etapa de grandes preocupações para os pais, daí que os níveis de angústia tendam a ser maiores, os pais menos ansiosos durante a transição para a parentalidade tendem a ser mais participativos e eficazes no seu papel de pais (Bornstein et al., 2003; Coleman & Karraker, 1997).

O quinto objectivo específico traçado refere-se à comparação entre a alteração do ciclo de sono, a alteração da vida profissional e social. Os resultados médios relativos à alteração no ciclo de sono são os que apresentam valores mais elevados ($M=3.38$, $DP=1.19$), comparativamente às alterações da vida profissional que apresenta valores mais baixos ($M=2.87$, $DP=1.18$) e às alterações relacionadas com a vida social que revelam níveis medianos ($M=2.97$, $DP=1.11$).

Estudos referem a necessidade dos pais em renunciar a algumas actividades visto que após o nascimento do filho os horários alteram-se e aumentam também as tarefas. O tempo disponível vai diminuir devido à prestação de cuidados ao bebé e as várias noites que estes passam sem dormir (Krob, Piccinini, & Silva, 2009). Na verdade, é nas primeiras semanas que os cônjuges se encontram mais ocupados porque acabam de assumir um novo papel. No entanto, à medida que o tempo passa, o casal vai adquirindo hábitos e experiência e, por isso, as suas actividades de lazer aumentam substancialmente (e.g., refeição com amigos) (Claxton & Jenkins, 2008).

O sexto objetivo específico traçado refere-se à relação entre os conhecimentos sobre a gravidez, parto e pós-parto, com o género do progenitor. Ao analisar as diferenças entre os progenitores, é a mãe que apresenta valores mais elevados ao nível do conhecimento sobre a gravidez, parto e pós-parto ($M=4.08$, $DP=.79$), comparativamente com o pai ($M=3.33$, $DP=.82$).

Estudos revelam que as mulheres no segundo trimestre de gravidez planeiam e antecipam o parto através do suporte das pessoas mais próximas, tendo uma visão positiva das suas competências como mãe e preocupam-se com o seu bem-estar e o do bebé. A maior parte das vezes, as mães têm uma expectativa dolorosa sobre o parto dividindo-se entre o medo, a confiança e o controlo (Pacheco, Figueiredo, Costa, & Pais 2005, citados por Conde & Figueiredo, 2007). Visto que são elas as “protagonistas do parto”, e têm uma maior

sensibilidade a todas essas questões, o seu nível de conhecimento sobre esses factos aumenta, comparativamente aos homens.

No que concerne ao sétimo e último objetivo específico, as alterações a nível da sexualidade em função do género, são as mães que apresentam valores mais elevados ($M= 3.1$, $DP= .97$), enquanto que os pais apresentam valores mais baixos ($M= 2.93$, $DP= 1.12$). Desta forma, parecem ser as mães que se sentem mais afetadas na sua sexualidade após o nascimento do filho.

O nascimento de um filho não vem, na realidade, resolver conflitos e dificuldades existentes no casal. Mesmo quando a relação está muito bem, o nascimento de uma criança muda muitos aspectos relacionados com a vida do casal, nomeadamente, existe um decréscimo da intimidade e satisfação conjugal, em termos globais e específicos (e.g., no que trata às relações sexuais e do tempo e atenção disponível do casal) (Alarcão 2000).

À guisa de conclusão, salienta-se a importância do estudo da transição para a maternidade e paternidade devido ao impacto que as suas características específicas poderão ter no ajustamento e desenvolvimento da família e dos seus diversos elementos constituintes.

Conhecendo objetivamente os aspetos particulares promotores ou bloqueadores de um processo de transição para a parentalidade adequado e com sucesso, torna possível conceber programas eficazes de educação parental, nomeadamente cursos ou formações parentais facilitadoras deste difícil processo de transição (Deave & Johnson, 2008).

Existem algumas limitações importantes a frisar no presente estudo, nomeadamente, o facto do questionário elaborado pelas investigadoras conter questões, que por serem demasiado diretas, podem ter eventualmente condicionado os resultados pela tendência dos participantes a responderem para corresponder à desejabilidade social. Uma outra limitação relevante poderá ter sido o facto dos participantes terem revelado pouco tempo disponível, o que os poderá ter levado a responder aos questionários o mais rapidamente possível, algumas

das vezes, provavelmente sem o tempo necessário para uma resposta refletida e fiel tradutora das suas perceções acerca da temática. Por último, salienta-se o facto dos resultados apresentados se basearem em análises exploratórias descritivas mais simples. Contudo, os resultados explorados no âmbito deste artigo assumem-se como os preliminares de um estudo mais completo com divulgação posterior.

Simultaneamente salienta-se o aspeto que se assume como uma das maiores mais-valias deste estudo. Tal como já foi mencionado previamente, a temática basilar explanada neste estudo (i.e. a transição para a parentalidade) assumem-se como fulcral, quer a nível científico quer a nível da prática psicológica e pedagógica, na medida em que urge intervir o mais precocemente possível. Preferencialmente, a intervenção deverá assumir-se ao nível da prevenção primária, junto dos pais, no sentido de os preparar para que seja possível um investimento afetivo, maduro e responsável na nova geração, contribuindo, desta forma, para um melhor ajustamento familiar, maior satisfação conjugal e individual e a promoção de uma qualidade de vida certamente incrementadora de um desenvolvimento humano saudável e equilibrado. Importa, por isso, explorar detalhadamente todas as características facilitadoras ou desestabilizadoras de uma transição para a parentalidade bem sucedida.

Quanto a sugestões para futuras investigações, enfatiza-se a pertinência de explorar as semelhanças e diferenças entre as experiências dos progenitores primários e dos pais que estejam na fase de transição parental relativamente a um segundo filho.

Seria igualmente interessante explorar e comparar os diversos aspetos subjacentes à transição para a parentalidade em diferentes culturas, na medida em que se acredita que existem efeitos culturais que podem contribuir para determinados perfis específicos de transição parental.

Referências:

- Abreu, L. (2009). *Transição para a parentalidade: estudo comparativo entre mulheres e homens primiparo*. Tese de Mestrado. Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Alarcão, M. (2000). *(Des)Equilíbrios Familiares*. Coimbra: Quarteto.
- Anderson, A. M. (1996). Factor influencing the father-infant relationship. *Journal of Family Nursing, 3*(2), 306-324.
- Biehle, S. N., & Mickelson, K. D. (2011). Personal and Co-Parent Predictors of Parenting Efficacy Across the Transition to Parenthood. *Journal of Social and Clinical Psychology, 30*(9), 985-1010.
- Bornstein, M. H., Hendricks, C., Hahn, C.-S., Haynes, O. M., Painter, K. M., & Tamis-LeMonda, C. S. (2003). Contributors to self-perceived competence, satisfaction, investment, and role balancing in maternal parenting: A multivariate ecological analysis. *Parenting: Science and Practice, 3*, 285–326.
- Buist, A., Morse, C. A., & Durkin, S. (2003). Men's adjustment to fatherhood: implications for obstetric health care. *Journal of Obstetric, Gynecology and Neonatal Nursing, 32* (2), 172-180.
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child Development, 71*(1), 127-136.
- Claxton, A., & Perry-Jenkins, M. (2008). No Fun Anymore: Leisure and Marital Quality Across the Transition to Parenthood. *Journal of Marriage and Family, 70*(1), 28–43.
- Coleman, P. K., & Karraker, K. (1997). Self-efficacy and parenting quality: Findings and future applications. *Developmental Review, 18*, 47–85.
- Conde, A., & Figueiredo, B. (2007). Preocupações de mães e pais, na gravidez, parto e pós parto. *Análise Psicológica, XXV*, 381-398.
- Cowan, C., Cowan, P., Heming, G., Garrett, E., Coysh, W., Boles, H. (1985). Transitions to Parenthood: His, Hers, and Theirs. *Journal of Family Issues, 6* (4), 451-185.
- Cowan, C., & Cowan, P. (1997). *Becoming a parent*. In A. Skolnick, & J. Skolnick, *Family in transition*. Nova York: Longman, 201-213.
- Deave, T., & Johnson, D. (2008) The transition to parenthood: what does it mean for fathers? *Journal of Advanced Nursing, 63*(6), 626–633.
- Doucet, A. (2006). *Do men mother? Fathering, care and domestic responsibility*. Toronto: Scholarly Publishing Division.
- Dunkel-Schetter, C., Feinstein, L., & Call, J. (December de 1986). UCLA Social Support Inventory.
- Egeren, L. A. (2004). The development of the coparenting relationship over the transition to parenthood. *Infant Mental Health Journal, 25*, 453-477.
- Emery, R., & Tuer, M. (1993). Parenting e marital relationship. In T. Luster, & L. Okagaki, *Parenting. An ecological perspective*. Hillsdale: Erlbaum, 121-148.
- Feldman, S., & Nash, S. (1984). The transition from expectancy to parenthood: impact of the first born child on men and woman. *Sex Roles, 6*, 61-78.
- Hernandez, J., & Hutz, C. (2009). *Transição para a parentalidade: ajustamento conjugal e emocional*. *Psico, 40* (4), 414-421.
- Hidalgo, V. (1998). Transición a la maternidad y paternidad. In M. J. Rodrigo, & J. Palácios, *Familia y desarrollo humano: psicología y educación* (pp. 161-221). Madrid: Alianza Editorial
- Krob, A., Piccinini, C., & Silva, M. (2009). A transição para a paternidade: da gestação ao segundo mês de vida do bebê. *Psicologia USP, 20*(2), 269-291.

- Lerner, J. (1993). The influence of child temperamental characteristics of parent behaviors. In T. Luster., & L. Okagaki, Parenting. An ecological perspective. Hillsdale: Erlbaum, 101-120.
- Menezes, C., & Lopes, R. (2007). Relação conjugal na transição para a parentalidade: gestação até dezoito meses do bebê. *Psico-USF*, (12), 83-93
- Piccinini, C. A, Silva, M. R., Gonçalves, T. R., & Lopes, R. S. (2004). o envolvimento paterno durante a gestação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 303-314.
- Serôdio, S. (2009). *A Função Paterna e o Desenvolvimento Infantil: Influência da Gratificação Parental e da Presença versus Ausência nos Primórdios do Auto-Conceito da Criança*. Dissertação de Mestrado: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Zagoneli, I., Martins, M., Pereira, K., & Athayde, J. (2003). O cuidado humano diante da transição ao papel materno: Vivências no puerpério. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 5 (2), 24 – 32.